

NO MEU BAIRRO

As diferenças
que unem:
um livro
sobre inclusão
e diversidade



Introdução

Este livro é uma ode à diversidade e ao respeito pela individualidade. Por um lado, visa mudar os estereótipos que existem na sociedade e, por outro, tenta tornar a diversidade visível para que se possa finalmente normalizar.

Através de uma viagem pelas interrogações e vidas de doze crianças, fala-se de diversidade de género, familiar, racial ou de credo religioso, dando ferramentas a quem educa para abordar estes temas, cada vez mais presentes na vida das nossas crianças.

Es ouvintus e leitorus das histórias, por seu lado, poderão facilmente identificar-se (o que es ajudará a aceitar-se, a respeitar-se a si mesmas e a promover a sua autoestima) ou colocar-se no lugar destas crianças, estando, desta forma, mais prontes a aceitar e a acolher a diversidade.

Escrevi este livro a pensar, muito concretamente, na disciplina de Cidadania, o parente pobre das demais disciplinas, em que, na maioria das vezes, es professorus sentem falta de materiais didáticos para trabalhar em sala de aula.

Ao longo destas histórias-poemas, decidi utilizar um sistema gramatica neutro, que tem como base a proposta do sistema gramatical neutro ELU, ainda que com algumas alterações que optei por fazer nos plurais (optei por usar a terminação em *-us* e não em *-ies*). Esta decisão prende-se com o facto de ter procurado estar de acordo com o tema da diversidade e da inclusão. Este é o meu contributo e proposta para a normalização da linguagem neutra no idioma português. Es leitorus adultes poderão, inicialmente, estranhar o uso deste sistema. É compreensível. Já as crianças, quanto mais cedo tiverem acesso a uma linguagem inclusiva, mais rápida e facilmente a incluirão no vocabulário quotidiano. Os livros são uma excelente ferramenta para a normalização de uma linguagem que represente de igual forma todas as pessoas.

Acredito que temos a responsabilidade de criar as nossas crianças para que sejam felizes como são. Somos todes únicos e diferentes, e é isso que enriquece o mundo.

Lúcia Vicente

MARIA
MIGUEL QUER DESCOBRIR
O SEU
PAPEL



Maria gosta de usar o cabelo bem curtinho
e por isso, lá na escola, chamam-lhe «rapazinho».
Ela não se importa,
porque não consegue encontrar,
para o que é, apenas uma resposta.

Às segundas, joga futsal,
às terças, tem aulas de dança.
Às quartas, depois da escola,
brinca na rua com a vizinhança.
Clube de leitura: quinta-feira.
As aulas de judo são à sexta-feira.
A única coisa que entende
é que acorda sempre diferente.
Uns dias, rapariga. Outros dias, rapaz.
Nos restantes, nem sabe, tanto lhe faz.

Às vezes de manhã,
quando acorda, estremunhada,
Olha-se ao espelho e pensa,
na sua verdade:

*Eu só quero ser uma criança
que salta e corre e brinca.
Adoro ballet e um bom bailarico,
golpes de judo e o meu melhor amigo,
Rodrigo.*

*Mas es adultes estão sempre
a embirrar comigo.
A dizer que eu não pertença
a nenhum estereótipo.*

*O que interessa o meu cabelo
ou o que trago vestido?
Querem saber uma coisa?
Nem sei ainda como me identifico.
Uns dias, sou Maria. Noutros Miguel.
Noutros, ainda, sou os dois:
sou, orgulhosamente, Maria Miguel.*



DINIS DEU O GRITO QUE SEMPRE QUIS

Quando acordou, Dinis sentiu a barriga esquisita.
Primeiro parecia um furacão, depois sentia uma formiga.
O seu coração parecia um vulcão quase em ebulição.
A noite fora cheia de pesadelos,
e sem descansar, de mau humor e com zero paciência,
já estava pelos cabelos.

O dia lá foi acontecendo, sempre muito cinzento.
Quando entrou no carro, bateu com a cabeça de lado.
No recreio, tropeçou e caiu, ganhando um grande galo.
Ao almoço, não foi melhor: distraído, até se engasgou.
Mas mesmo com tanto acontecimento
nunca mostrou qualquer sentimento.

Certo dia, o pai encontrou Dinis
a bater numa parede com o nariz.

O que se passa?

Senti uma grande raiva de repente.

*Um rapaz não pode chorar, gritar
ou dizer o que sente.*

Quem disse que um homem não chora?

Eu também grito, não vejo qual é o mal.

Na maioria das vezes, sou bastante sentimental.

*A avó diz que quem grita são as meninas,
porque são muito fraquinhas.*

Eu quero ser forte e valente.

Não acredites, que a avó também se engana.

*Todas as crianças devem gritar, espedaçar, ter medo e chorar.
Se esconderes o que sentes, o teu coração vai escurecer,
e eu não quero que rebentes por ficares com coisas por dizer.*

Na manhã seguinte, Dinis acordou feliz.
Na escola, sempre que sentia necessidade,
chorava à vontade.

Quando caiu, ficou envergonhado
e com o pé magoado. Gritou tão alto, que a dor
se assustou e foi chatear alguém para outro lado.

E o coração de Dinis ficou aliviado.
Já não precisava de viver angustiado:
todos os sentimentos eram agora,
por Dinis, libertados.



Este livro representa uma forma inspiradora de vida em comunidade.

É um livro sobre ti e sobre todes nós.

**Uma abordagem cheia de poesia à diversidade, ao respeito
pela individualidade e à aceitação.**

Esta obra tem a missão de mudar os estereótipos que existem na sociedade e assume, com orgulho, a diversidade, tornando-a visível para que se possa finalmente normalizar. Através de uma viagem pelas interrogações e vidas de doze crianças, fala-se de diversidade de género, familiar, racial ou de credo religioso, dando ferramentas a quem educa para abordar estes temas, cada vez mais presentes na vida das nossas crianças.

Os livros são a ferramenta ideal para a normalização de uma linguagem que represente de igual forma todas as pessoas. Assim, pela primeira vez em Portugal, vamos assumir uma proposta do sistema gramatical neutro ELU.



Este livro tem o apoio de:

